

POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA E BIOLOGIA SOBRE O TRABALHO DO DOCENTE

Romilda Teodora Ens¹

Ana Maria Eyng²

Maria de Lourdes Gisi³

RESUMO: A presente pesquisa analisa as “Políticas de formação de professores: o que indicam as representações sociais de alunos de licenciatura em Pedagogia e Biologia dos primeiros anos, sobre o trabalho do docente”, buscando compreender os seus elementos constituintes. Os dados foram obtidos mediante aplicação de questionário junto a 100 licenciandos, sendo 64 do curso de Pedagogia e 36 do curso de Biologia. Os dados analisados, com base no aporte das representações sociais e políticas educacionais, indicam aproximações entre as representações enunciadas pelos estudantes e as possibilidades e limitações da profissão professor já históricas, analisadas por diferentes estudos. Dentre as possibilidades, está o compromisso com a formação de bons profissionais, que poderão gerar mudanças na sociedade, outra visão de mundo, novos desafios. As limitações da futura profissão estão voltadas aos baixos salários, pouco reconhecimento e descaso sobre o que é ser professor.

PALAVRAS-CHAVE: Representação Social; profissão professor; política de formação de professores.

POLICIES FOR FORMATION OF TEACHERS AND THE REPRESENTATIONS OF UNDERGRADUATE STUDENTS OF PEDAGOGY AND BIOLOGY ABOUT THE TEACHING WORK

ABSTRACT: That research analyses the “Policies for formation of teachers: what do the social representations of freshmen in the courses of Pedagogy and Biology

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Pesquisadora associada da Fundação Carlos Chagas. E-mail: romilda.ens@pucpr.br

² Doutora em Pedagogia pela Universidad Autònoma de Barcelona; Professora titular e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: ana.eyng@pucpr.br

³ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Membro do Conselho Editorial da Revista Diálogo Educacional. E-mail: maria.gisi@pucpr.br

indicate about the teaching work?”, trying to figure out its constitutive elements. The data was obtained through a questionnaire with 100 undergraduate students – 64 Pedagogy students and 36 Biology students -. The data was analyzed under the social representations and the educational policies theoretical backup, indicate a proximity between the announced representations of students and the possibilities and limits of the teaching occupation, not only historical already analyzed in different studies. Among the possibilities, there is the commitment with the formation of outstanding professionals that might generate changed in the society, another perspective of the world, new challenges. The limits of the future profession are related to low salaries, lack of recognition and poor value about what is the role of a teacher.

KEY-WORDS: Social representation; teacher occupation; policies for formation of teachers.

Falar do trabalho do professor é uma proposta desafiadora e complexa. De e por onde começar? Um desafio a mais se impõe como pesquisadoras de um grupo de pesquisa¹, em que a proposta é: “Analisar a representação social de estudantes dos primeiros anos de cursos de graduação da área de educação (Pedagogia e cursos de Licenciatura) sobre o trabalho do professor, buscando identificar os seus elementos constituintes e compreender a dinâmica da organização desses elementos” (CIERS-Ed., 2006).

Ao discutir a profissão professor, não podemos deixar de nos alertar para questões como: precarização do trabalho docente que de acordo com Ens, Gisi e Eyng (2009, p. 4) embora os professores

sejam considerados agentes importantes na formação de profissionais para atender às exigências do desenvolvimento, os estudos sobre o trabalho docente vêm denunciando a desvalorização e a desprofissionalização do trabalho do professor, a insatisfação dos docentes, a intensificação do trabalho e a ampliação de sua ação sem a correspondente remuneração [...]

Vale aqui lembrar a discussão de Nóvoa (1995, p. 10) sobre a “profissão professor” ao lançar um alerta sobre a exclusão dos professores pela qual se tende a modificar as funções sociais e os papéis profissionais a eles atribuídos. Como o próprio autor afirma, “apesar de ter insistido nas formas de exclusão de professores, legitimadas em processos de tecnologização, de privatização e de racionalização do ensino, não ignoro a existência de outros movimentos que caminham em sentido contrário”.

Além dos processos de exclusão do professor dos processos decisórios relacionados ao seu trabalho, analisados por Nóvoa (1995), cujas consequências podem ser observadas na desvalorização que a própria classe de trabalhadores assume, é importante apontar, também, para essa discussão, os dilemas da profissão docente. De acordo com Nóvoa (2002, p. 23-28; 2008, p. 227-233) estes dilemas interferem no trabalho docente e com os quais não podemos deixar de concordar “o dilema da comunidade (saber relacionar e saber relacionar-se), o dilema da autonomia (saber organizar e saber organizar-se) e o dilema do conhecimento (saber analisar e saber analisar-se)”, dizendo como Ens (2006, p. 10) “também eu, como profissional, tenho o compromisso de formar professores que compartilhem esses ideais”.

Outro aspecto, necessário à análise das políticas de formação, compreensão do trabalho docente e exclusão dos professores, buscamos na síntese apresentada por Esteve (1995, p. 100-108), como sendo:

- aumento das exigências em relação ao professor, muito além das relacionadas ao domínio cognitivo; o desenvolvimento de fontes de informação alternativas;
- ruptura do consenso social sobre a educação, pela substituição da função de integrar as crianças à cultura dominante pelas tarefas educativas básicas que compensem as carências do meio cultural e social dos alunos;
- aumento das contradições no exercício da docência frente às exigências de uma sociedade futura;
- mudança de expectativas em relação ao sistema educativo, tendo em vista uma maior diversificação e flexibilidade;
- modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo, ao responsabilizar o professor pelas várias deficiências de um sistema de ensino transformado pela mudança social;
- menor valorização social do professor pela desvalorização do salário;
- mudança dos conteúdos curriculares pelo avanço das ciências e exigências sociais;
- escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho; as mudanças nas relações professor-aluno;
- fragmentação do trabalho do professor.

Com base nos aspectos enumerados, podemos dimensionar a crescente complexidade e dinamismo do contexto em que ocorre a formação. Assim, concebe-se a formação inicial como elemento essencial, mas não único ao desenvolvimento profissional do professor. Nesta perspectiva, conforme estabelece o Parecer 67 (2003, p. 5), as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos cursos de graduação recomendam para todo e qualquer curso de graduação que concebam

“a formação de nível superior como um processo contínuo, autônomo e permanente [...]”, além de considerar esta formação “um referencial para a formação de um profissional em permanente preparação [...]”.

As discussões sobre Diretrizes para o curso de Pedagogia confirmam esta intenção ao recomendar pelo PARECER CNE/CP n.º 3 (2006, p. 3) que

como bem justifica o Parecer CNE/CP n.º 5/2005, [...], sendo a organização escolar eminentemente colegiada, cabe prever que todos os licenciados possam ter oportunidade de ulterior aprofundamento da formação pertinente, ao longo de sua vida profissional.

Formação inicial e continuada são, portanto, processos complementares e indissociáveis, sendo destacado no texto dos pareceres sobre as diretrizes de formação de professores o entendimento que a graduação constitui “etapa de formação inicial no processo contínuo da educação permanente”, o que é complementado pelo próximo parecer, ou seja, a previsão de aprofundamento da formação ao longo da vida profissional, de modo que formação e desenvolvimento profissional do professor fazem parte de um mesmo processo contínuo. As diretrizes enfatizam essa complementaridade em virtude dos desafios que as transformações em curso têm provocado na formação do professor e, conseqüentemente, no trabalho docente.

Assim, constata-se que

A educação continuada adquire importância maior com a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores e a implantação das novas formas de organização do trabalho escolar. Ambas ocorrem em um período de profundas transformações sociais, em que a educação passa a ganhar centralidade para a formação de profissionais preparados para as novas exigências (GISI; EYNG, 2006, p. 30).

Ressalta-se, pois, a relevância da reflexão sobre a formação inicial-continuada do professor e, como diz Imbernón (2002, p. 7-8), faz-se imprescindível no espaço/tempo da formação inicial superarmos

os enfoques tecnológicos, funcionalistas e burocratizantes, aproximando-se, ao contrário, de seu caráter mais relacional, mais dialógico, mais cultural-contextual e comunitário, em cujo âmbito adquire importância a relação que se estabelece entre todas as pessoas que trabalham dentro e fora da instituição.

A criação de um novo modelo para formar o professor que esteja atento às mudanças da sociedade e às mudanças das concepções de conhecimento exige a superação das desigualdades sociais. Ou seja, “educar realmente na vida e para a

vida, para essa vida diferente” não poderá se reduzir ao domínio do conteúdo das disciplinas e à técnica para transmiti-lo. (IMBERNÓN, 2002, p. 7).

O professor, hoje, lida com o conhecimento em construção e é importante que conceba a educação como compromisso político, ancorado em valores éticos e morais. Para Ens (2006, p. 19):

Ser professor, hoje, não significa transformar o conhecimento comum do aluno em conhecimento científico, não significa transmitir os conhecimentos acumulados e armazenados em livros. Ser professor, hoje, é ser um profissional competente, para levar o aluno a aprender, é participar de decisões que envolvam o projeto da escola, lutar contra a exclusão social, relacionar-se com os alunos, com os colegas da instituição e com a comunidade do entorno desse espaço.

Pimenta (2002, p. 15), ao discutir a formação do professor, afirma que “não é qualquer um que pode ser professor”, pois “o professor precisa ser formado”. Essa formação é algo muito sério por requerer “investimento pessoal, institucional, público, político e social”.

A formação do professor, diz Ens (2006, p. 20):

[...] não é tarefa que se conclua com estudos de conteúdos e de técnicas, num curso de graduação”. É uma aprendizagem que se faz num continuum, possibilitando ao mesmo tempo, a articulação entre a formação inicial, a continuada e as experiências vividas pelo professor.

Para analisar as representações sociais de alunos de Licenciatura em Pedagogia e Biologia dos primeiros anos, sobre o trabalho docente, buscando compreender as relações entre “políticas de formação de professores e o que indicam as representações sociais de alunos de licenciatura em Pedagogia e Biologia dos primeiros anos, sobre o trabalho do docente?”, tendo como pressuposto que:

A escola, como instituição inserida numa sociedade capitalista, não está imune às transformações que ocorrem nos processos de produção, isto é, no regime de acumulação. As práticas desenvolvidas na escola, por sua vez, como indica Lavador (2003), têm influência na produção das subjetividades dos professores, e, portanto, no seu trabalho (GISI; EYNG, 2006, p. 30).

Para este trabalho, consideramos que as representações sociais, como explica Jodelet (2001, p. 22), são “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada que têm um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. E, como indica Moscovici (2003, p.

40), “todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos”, pressupõe representações sociais, sendo indispensáveis à compreensão da dinâmica social e das relações entre os indivíduos.

Para Marková (2006, p. 243), “a teoria das representações sociais pressupõe que os conteúdos e os significados das representações sociais são estruturados, e que o objetivo da teoria é o de identificar, descrever e analisar estes conteúdos e estes significados estruturados”. Mas não podemos esquecer que “as pessoas são capazes, de fato, de usar diferentes modos de pensamento e diferentes representações, de acordo com o grupo específico ao qual pertencem, ao contexto em que estão no momento” (MOSCOVICI, 2003, p. 328).

Nesse sentido, elas são indispensáveis para a compreensão da dinâmica social e das relações dos indivíduos com sua futura profissão, ser professor. Além do mais, ela torna-se um elemento fundamental para a compreensão dos elementos constituintes da profissão professor, principalmente, daqueles que pretendem ser profissionais do magistério, pois as representações sociais comportam dimensões históricas, sociais e culturais, que se manifestam também a partir de ações experienciadas no cotidiano escolar, o que é corroborado por Moscovici (2003, p. 78) ao afirmar:

A solidez da memória impede de sofrer modificações súbitas, de um lado e de outro, fornece-lhes certa dose de independência dos acontecimentos atuais – exatamente como uma riqueza acumulada nos protege de uma situação de penúria.

Assim, é fundamental entender as representações sociais que se ancoram em “modelos de formação inicial para professores” representativos das políticas educacionais na sociedade hoje, “não como uma organização hipotética que obedece a um modelo empirista e mecanicista das informações [...], mas como uma interação dos dados da experiência e o quadro social de sua apreensão, da sua memorização”, como explica Jodelet (2005, p. 48).

As políticas de formação de professores são “aspecto essencial do conhecimento social” e ponto de referência para estudarmos como as mudanças apontadas pelo ser humano podem contribuir para a compreensão da profissão do professor.

Outro aspecto a ressaltar é o de que os estudos que articulam as questões da educação com os estudos de representações sociais têm-se tornado expressivos na literatura brasileira e têm fundamentado a análise de pesquisas em educação, como assinalam Jodelet (2007) e Souza et al. (2007). Esses estudos, pela sua abrangência conceitual e as possibilidades de aplicação e interpretações, apresentam recursos que permitem perceber a variedade dos elementos que as constituem, segundo alunos, no caso dessa investigação, as representações sociais do trabalho docente.

A PESQUISA

Para coletar os dados, foi aplicado um questionário a 100 alunos dos anos iniciais dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Biologia. O instrumento foi organizado pelo grupo do CIERS-Ed, com uma questão de associação livre, questões fechadas para levantamento de informações pessoais, profissionais e outras questões referentes à escolha da profissão e à visão dos respondentes sobre o trabalho do professor. Algumas dessas questões eram abertas.

Pela análise das palavras e expressões evocadas na questão de associação livre e nas questões abertas, n.º 18 e 20, procuramos compreender a relação entre políticas de formação de professores e o que indicam as representações sociais de alunos de licenciatura em Pedagogia e Biologia dos primeiros anos, sobre o trabalho do docente.

Para a análise dos dados, levou-se em consideração a palavra mais importante das quatro evocações indicadas pelos estudantes com base em um estímulo: “aluno”, “dar aula” e “professor”. Este procedimento é conhecido como “técnica de associação livre”. Com relação às questões abertas, considerou-se a fala indicada nas questões, sobre o que cada estudante deixou registrado, em relação ao que ele gostaria de dizer sobre o trabalho do professor (questão 20) e sobre o que pensam os amigos de sua opção em ser professor (questão 18). Para compreensão das falas, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (1977), identificando as categorias, como valorização, compreensão, conflito e limitações do trabalho docente.

RESULTADOS

Dos 100 alunos que participaram do estudo, 64 são do Curso de Pedagogia, sendo todas do sexo feminino e 36 são do Curso de licenciatura em Biologia, dos quais 80,56% são do sexo feminino.

Os resultados revelam que 71% dos alunos de Pedagogia e 63% dos alunos de Biologia estão entre 18 e 23 anos, indicam que 69% dos alunos de Pedagogia e 81% de Biologia (Licenciatura) recebem contribuição familiar para estudar e mais de 70% dos participantes possui computador e internet em casa. Quanto ao nível de escolarização de seus pais, os participantes de ambos os cursos informaram que 20% possuem curso superior completo. Aproximadamente 40% possuem Ensino Médio completo e 20% até a 4.^a série do Ensino fundamental. No caso da Pedagogia, apenas 3,12% dos participantes dizem que seus pais nunca frequentaram a escola.

Os 100 estudantes evocaram 394 palavras para aluno, com 241 palavras diferentes; 393 para dar aula, sendo 167 palavras diferentes e 396 para professor, com 252 palavras diferentes (figura 1).

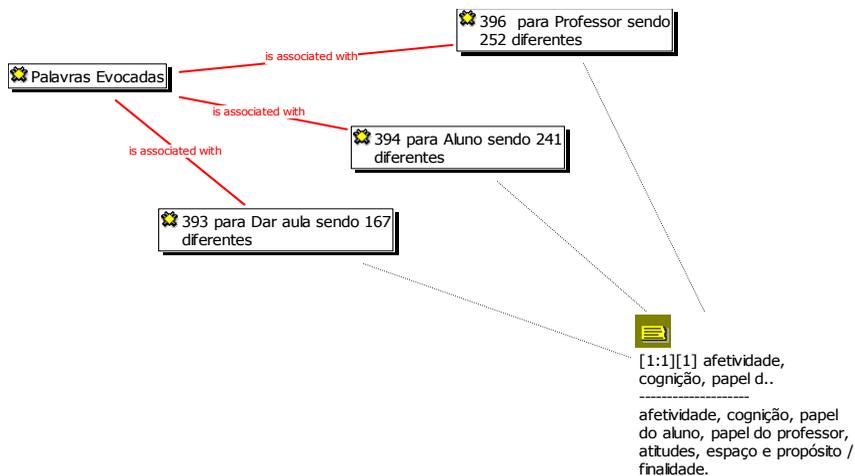


Figura 1: Palavras Evocadas

Em relação às evocações, apresentamos apenas as indicadas como as mais importantes. Tendo em vista o grande número de evocações realizadas, as categorias, cujo somatório da frequência da evocação era igual ou menor que três, foram indicadas como diversos (Tabela 1).

Tabela 1 – Palavras evocadas por alunos dos cursos de Pedagogia e Biologia como mais importante – 2007

PEDAGOGIA		BIOLOGIA	
ALUNO	%	ALUNO	%
Aprender	14,54	Aprender	25,71
Afeto/amor	10,90	Amigo	08,56
Criança	05,46	Criativo	05,72
Futuro	05,46	Escola	05,72
DIVERSOS	63,70	DIVERSOS	54,29
DAR AULA	%	DAR AULA	%
Aluno	13,56	Ensinar	17,65
Ensinar	13,56	Conhecimento	11,76
Amor	11,87	Professor	11,76
Compromisso	06,78	Escola	08,83
Conhecimento	06,78	Aluno	05,88
DIVERSOS	46,85	Aprender	05,88
		Sabedoria	05,88
		DIVERSOS	26,48
PROFESSOR	%	PROFESSOR	%
Amigo	08,34	Amigo	13,33
Ensinar	06,67	Educador	10,00
Conhecimento	06,67	Ensinar	10,00
Competência	05,00	Respeito	06,67
Dedicação	05,00	Salário	06,67
Mediador	05,00	DIVERSOS	53,33
Responsável	05,00		
DIVERSOS	58,32		
TOTAL	100,00	TOTAL	100,00

Pela leitura e análise das evocações da tabela 1, temos que tanto os 64 participantes do curso de Pedagogia como os 36 participantes do curso de Biologia, em relação às palavras evocadas para “aluno”, “dar aula” e “professor”, apresentam grande dispersão, principalmente, para aluno e para professor, cujo total, em diversos, ultrapassa os 50% e com baixa frequência. Além disso, constatamos que a representação do professor ou da profissão está ancorada em aspectos afetivos, cognitivos e éticos, sem destaque para aspectos técnicos e políticos do trabalho do professor.

Nesse momento, perguntamos, seria por estarem, ainda no 1.º ano do curso? O que nos permite pensar nos estudos de Nóvoa (2002, 2008) sobre “Os professores e o ‘novo’ espaço público da educação” que, de acordo com Souza (2004, p. 6), a escola

enquanto espaço público é palco de relações e ações de seus agentes [dentre eles os professores], assume e dá voz às contradições entre o individual e o social, o institucional e a sociedade, o que a conduz a uma dinâmica que envolve fatores econômicos, políticos, ideológicos e psicológicos.

Os estudantes do curso de Pedagogia indicam nos seus posicionamentos uma valorização bastante grande e uma compreensão afinada com os desafios do trabalho do professor no contexto atual, conforme enunciado nas suas falas.

Ser educador é fazer parte da construção de alunos melhores, mais críticos, conseqüentemente um mundo melhor com mais instrução. Nosso dever é amar nossos alunos nos dedicar a eles e fazer tudo e mais um pouco para atingir nosso objetivo que é ensinar educar e preparar para a vida (Pedagogia 041).

O professor é um construtor, tem muita responsabilidade com seus alunos, deve gostar de ensinar e estar disposto a aprender, deve ser um pesquisador e estar ciente de que essa profissão não é tão fácil quanto parece, mas ensinar é a coisa mais gratificante que poderá se fazer na vida (Pedagogia 044).

Não nos é possível dar conta de tudo e de todos: não somos uma espécie de “Panaceia”, mas como agentes de transformação, despertamos a idéia de mudança que, pode ou não, acontecer para qualquer indivíduo (Pedagogia 064).

Os estudantes do curso de Biologia, por sua vez, indicam um conflito em relação à formação e ao trabalho de professor, embora estejam fazendo um curso de licenciatura:

Apesar de não me interessar pelas atividades docentes, busco me preparar e passar conhecimento a jovens podendo aprender com eles e ser um bom pesquisador num futuro próximo (Licenciatura em Biologia 068).

Foi uma escolha muito mais pelo fato de fazer biologia do que me tornar um professor (Licenciatura em Biologia 071).

Só estou fazendo licenciatura porque é no período da noite, pois vou me especializar em Bacharel p/ atuar na área de pesquisa. Nunca quero dar aulas! (Licenciatura em Biologia 075).

Por outro lado, embora com menor ênfase nas respostas, há estudantes que acreditam e valorizam a possibilidade de atuar como professor e contribuir com a melhora da sociedade:

A profissão de professor é uma das mais bonitas que existe; mas infelizmente o professor no Brasil não é valorizado. Mas, acredito que depende de cada um ajudar a construir a cidadania em nossos alunos! (Licenciatura em Biologia 085).

Ser professor é construir vidas, é contribuir na construção de uma sociedade melhor, de uma realidade ambiental mais consciente, onde as pessoas se preocupem com seus atos e saibam da importância dos mesmos para o todo. (Licenciatura em Biologia 086).

Espero alcançar todos os meus objetivos como professora, e plantar a semente do conhecimento em cada aluno meu, conseguindo com meu esforço junto aos demais colegas da minha área, uma melhor sociedade (Licenciatura em Biologia 087).

Os alunos de Pedagogia parecem valorizar e compreender os desafios do trabalho do professor no contexto atual, conforme enunciado em algumas de suas falas. No entanto, alunos das licenciaturas em Pedagogia e Biologia identificam os processos de exclusão e precarização do trabalho do professor que apontam Nóvoa (1995, 2002, 2008), Esteve (1995), Oliveira (2004) e Alves-Mazzotti (2008), principalmente no que se refere à desvalorização da própria classe, em relação aos salários, cujas consequências se refletem na formação e no trabalho dos futuros professores.

Assim, expressam-se os estudantes ao lembrarem o que os amigos dizem sobre a profissão professor:

Eles acreditam que a remuneração é baixa, comparada a outros cursos. Comentam também que os professores são muito desvalorizados (Pedagogia 005).

Pela desvalorização dos professores, pela falta de respeito dos alunos e até mesmo pelo salário (Pedagogia 007).

Não são bem remunerados e tão pouco respeitados pela sociedade, temos que mudar isto já!!! (Pedagogia 025).

Quando o professor tenta mudar as práticas de ensino buscando melhores métodos e também não vale a pena porque não é valorizado, nem bem remunerado (Licenciatura em Biologia 079).

Não acreditam que possamos mudar a realidade e pelo baixo salário (Licenciatura em Biologia 079).

É possível dizer, com base nos dados, que uma maioria dos estudantes que participaram dessa primeira etapa da pesquisa corrobora com a fala de Freire (1996, p. 115-116):

Sou professor [...], a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. [...] Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias [...].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação do trabalho do professor tem um componente fortemente afetivo e atitudinal por parte dos estudantes de Pedagogia, mas não deixam de apresentar aspectos cognitivos e propósitos. Os estudantes da licenciatura em Biologia, por sua vez, mesmo ao apresentar dúvidas sobre a futura profissão, não deixam de representar o trabalho do professor como atitudinal e afetivo e consideram também os aspectos cognição e os propósitos do trabalho. Pode-se mesmo afirmar que esta visão de profissional da educação tem elementos em comum entre os estudantes dos dois cursos.

Além disso, tanto as possibilidades como as limitações apontadas pelos estudantes participantes da investigação são já históricas e analisadas por diferentes estudos. Dentre as possibilidades, está o compromisso com a formação de bons profissionais, que poderão gerar mudanças na sociedade, outra visão de mundo, novos desafios. As limitações da futura profissão estão voltadas aos baixos salários, pouco reconhecimento e descaso sobre o que é ser professor. Mas, é importante destacar que os dados aqui apresentados contribuem para a construção de uma identidade social e de um sentimento de pertencimento ao grupo social, de professores.

Como muito bem indicado por Moscovici (2003), a teoria das representações sociais busca entender como os indivíduos e grupos sociais conseguem construir um mundo estável, mesmo sendo estes indivíduos e grupos tão diversos. Neste estudo, os estudantes são de cursos que, embora voltados para a formação de professores, têm uma estrutura curricular diferente, com ênfases diversas e a profissão professor é representada com muitos elementos em comum.

Weber (2003, p. 1147) apontou a importância de estudos voltados “a dimensão política da profissionalização [...]”, por considerar que “aprender a

complexidade de um processo que ultrapassa o debate sobre a docência e a educação escolar, porque tem as marcas da luta pela construção da democracia”.

Com base nos dados coletados e no aporte dos autores podemos concluir que as contradições apontadas quanto ao reconhecimento do trabalho docente como profissão e a compreensão e valorização sobre o objeto em estudo permitem subsidiar projetos de formação inicial e continuada em cursos de formação de professores.

Nota

ⁱ O grupo do CIERS–Ed. (Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade–Educação) sediado na Fundação Carlos Chagas.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. et al. Formação do professor das séries iniciais e trabalho docente sob a ótica das representações sociais. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DOS GRUPOS DE PESQUISA: CIERS-ED/FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – Maison de Sciences de l’ Homme de Paris. Representações Sociais e Trabalho Docente. *Anais...* Universidade de Aveiro, Portugal, jan./2008.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. RESOLUÇÃO n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia*, licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, Ano CXXXIX, n. 92, Seção I, p. 11, terça-feira, 16 de maio de 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 67/2003 - CNE/CES. *Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de Graduação*. Diário Oficial da União, Brasília, 2 de junho de 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP N.º 3/2006 – CNE/CES. Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2005, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Diário Oficial da União, Brasília, 11 de abril de 2006.

ENS, R. T. *Significados da pesquisa segundo alunos e professores de um curso de Pedagogia*. 2006. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

ENS, R. T.; GISI, M. L.; EYNG, A. M. As políticas educacionais e a constituição da representação social do trabalho docente: a percepção de alunos de Pedagogia. In: PRADO, C. S.; PARDAL, L. (Org.). *Representações sociais de alunos de pedagogia e licenciatura sobre o trabalho docente* (título provisório). Aveiro: Ed. Univ. Aveiro, 2009. [no prelo].

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GISI, M. L.; EYNG, A. M. Formação inicial e continuada de professores: diretrizes, políticas e práticas. *Contexto e educação*. Ijuí: Unijuí, ano XXI, n.75, jan./jun. 2006.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Contribuições das representações sociais para a análise das relações entre educação e trabalho. In: PARDAL, L. et al. (Org.). *Educação e trabalho: representações, competências e trajetórias*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.

MARKOVÁ, I. *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Trad. Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2006.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: _____. (Org.). *Profissão docente*. Porto: Porto Editora, 1995.

_____. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: EDUCA, 2002.

_____. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: TARDIF, M.; LESSARD, C. (Org.). *O ofício do professor: história, perspectivas e desafios internacionais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, A. D. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 35, n. 89, p. 1137-1144, Set./Dez. 2004.

PIMENTA, S. G. *De professores, pesquisa e didática*. Campinas: Papyrus, 2002.

SOUZA, C. P. de et al. Estudo psicossocial da escola. In: 27.ª REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd. *Anais...* Caxambu, 2004. 1 CD ROM.

SOUZA, C. P. de et al. As representações sociais da escola do passado: memória, identidade e trajetórias profissionais de professores. In: PARDAL, L. et al. (Org.). *Educação e trabalho: representações, competências e trajetórias*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.

WEBER, S. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1125-1154, Dez. 2003.

Recebido em março de 2009

Aceito em maio de 2009

